

NOTA TÉCNICA

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS

Gabriela Lotta
Débora Dossiatti de Lima
Giordano Magri
Marcela Corrêa
Amanda Beck

REALIZAÇÃO

Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



MAI/2020

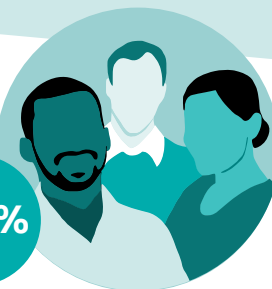
A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

MAIORIA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE TEM CONHECIDO OU FAMILIAR QUE SE CONTAMINOU.

COLEGA OU FAMILIAR TESTOU POSITIVO OU FOI DIAGNOSTICADO COM SUSPEITA DE COVID-19?

Profissionais da saúde

55,1%



MAIOR PARTE DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE TEM MEDO DE CONTRAIR A COVID-19

VOCÊ TEM MEDO DE CONTRAIR A COVID-19?



ACS e ACE



Profissionais de enfermagem



Médicos



Demais profissionais

MAIS DE 60% DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NÃO SE SENTE PREPARADO OU NÃO SOUBE RESPONDER SE ESTÁ PREPARADO PARA ATUAR EM MEIO À PANDEMIA

	Sim	Não	Não sabe
ACS e ACE	7,61%	75,58%	16,81%
Profissionais enfermagem	20,09%	53,44%	26,47%
Médicos	38,01%	38,03%	23,96%
Outros	21,51%	50,21%	28,28%

MENOS DA METADE DOS PROFISSIONAIS AFIRMA TER RECEBIDO EPI PARA ATUAR DURANTE A PANDEMIA

RECEBEU EPI PARA DESENVOLVER SEU TRABALHO?



	Sim	Não
ACS e ACE	19,65%	80,36%
Profissionais enfermagem	52,94%	47,06%
Médicos	62,28%	37,72%
Outros	47,80%	52,20%

PERCENTUAL DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE QUE RELATAM TER RECEBIDO ALGUM TIPO DE TREINAMENTO PARA ATUAREM DURANTE A PANDEMIA

RECEBEU TREINAMENTO PARA LIDAR COM A PANDEMIA?

	Sim	Não
	10,68%	89,32%
	41,17%	58,83%
	45,45%	54,55%
	34,26%	65,74%

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

APRESENTAÇÃO

A pandemia do Coronavírus é o maior desafio contemporâneo. Nesse cenário, ganha papel estratégico a atuação dos profissionais da área da saúde. Em países como a França e a Itália, manifestações de apreço pelos serviços prestados por tais burocratas acontecia quase que diariamente. Já em outros casos, temos relatos de profissionais que foram agredidos por compartilharem o transporte público, por pessoas que estavam com medo de serem contaminadas. Aqui no Brasil, a agressão a profissionais da saúde se deu em contexto ainda mais complexo, durante uma manifestação desses profissionais por melhores condições de trabalho.

Com o isolamento social instaurado há cerca de dois meses em todo o país, é preciso pensar nos(as) profissionais que atuam face a face com os cidadãos, aquilo que a literatura sobre políticas públicas chama de “linha de frente” ou “nível da rua”. Este relatório pretende discutir os impactos do Coronavírus em suas vidas, nas dinâmicas de trabalho e na maneira como interagem com os cidadãos. Segundo dados do Conselho Federal de Enfermagem, já morreram no Brasil 137 profissionais da área em decorrência da COVID-19¹. Os números globais sistematizados até abril totalizam 260 mortes no mundo inteiro², o que concentra no país uma proporção de mais de 50% das mortes de todo o planeta nesta categoria. O número de médicos mortos também é expressivo, totalizando 113 no país até o momento³. E, segundo a CONACS, foram já identificados 40 agentes comunitários e de endemia mortos.

Tendo isso em vista, o presente relatório, organizado pelo Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB FGV-EAESP), busca apresentar de forma sintética os dados extraídos de um *survey online* realizado com 1.456 profissionais da saúde pública no Brasil. O intuito dessa pesquisa foi de compreender qual a percepção destes profissionais sobre os impactos da crise em seu trabalho, bem-estar e modo de agir cotidianamente⁴.

NOTA METODOLÓGICA

Os dados aqui apresentados foram coletados através da aplicação de um *survey online*, realizado entre os dias 15 de abril e 1º de maio de 2020. As limitações impostas pela pandemia impossibilitaram a realização

1 <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>

2 <https://www.icn.ch/news/icn-calls-data-healthcare-worker-infection-rates-and-deaths>

3 <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/brasil-ultrapassa-marca-de-cem-medicos-mortos-por-covid-19-dois-por-dia-1-24438369>

4 *Agradecemos o auxílio de Rafael Alcadipani, Michelle Fernandez, Lauro Gonzalez, Mario Aquino Alves, Ilda Angelica Correia (CONACS) e todos os pesquisadores do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB) no desenho da pesquisa e levantamento de dados*

“Eu não vivo mais, sou um objeto animado mecanicamente que todos os dias ao acordar no mesmo momento que agradeço por ter acordado, me desespero por ter que encarar mais um dia.”

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

de um desenho amostral probabilístico, de forma que a amostra foi coletada por conveniência, a partir das respostas voluntárias ao questionário⁵. Por essa razão, os resultados aqui expostos não podem ser generalizados para todos os trabalhadores da saúde pública no Brasil. Foi obtida uma amostra com 1.456 respondentes que atuam na saúde pública em todas as Unidades da Federação (UF).

A crise do Coronavírus demanda diagnósticos emergenciais e respostas rápidas. Dessa forma, a estatística realizada nos resultados ora apresentados é puramente descritiva, uma vez que só pode ser vista como uma espécie de balanço sobre a população “entrevistada” (isto é, 1.456 profissionais respondentes). É sobre a percepção dessas pessoas que se pode afirmar algo. A falta de inferência estatística, portanto, não invalida os dados, apenas circunda a análise a um universo específico.

No que se refere ao perfil da amostra, há uma concentração de respondentes que atuam no estado da Bahia (32%), seguido pelo estado de São Paulo (16,7%) e Rio de Janeiro (14,6%).

Em termos gerais, a divisão por sexo observada é de 79% mulheres, 19,6% homens e menos de 1% que preferiu não declarar. A apresentação dos dados foi organizada por quatro tipos de respondentes: 1) Os agentes comunitários de saúde e de combate às endemias (ACS e ACE), que são a maior parte dos respondentes (60,44%), 2) os profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) que são 14,01% dos respondentes, 3) médicos (8,31%) e 4) as demais profissões relacionadas ao NASF ou à gestão e administração dos equipamentos de saúde, que somam 17,24% dos respondentes.

Quanto ao tempo de atuação, 64,84% dos profissionais exercem seu trabalho na respectiva área há mais de 10 anos. Sobre a existência de vínculos prévios com a região em que atua, 11,2% alegaram não possuir nenhuma relação antes da designação ao posto de trabalho; 65% disseram ter nascido na região; 16,6% apontaram que possuem vínculos prévios sem especificar quais.

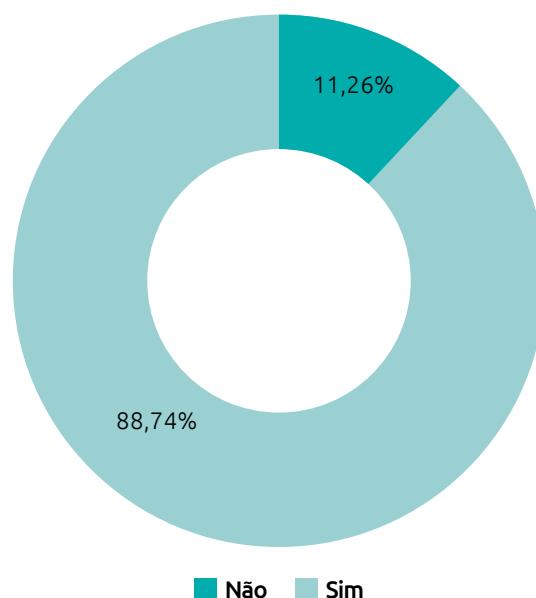
PANORAMA GERAL: O QUE OS DADOS NOS DIZEM?

A primeira pergunta analisada é: *Você tem medo do Coronavírus?* O Gráfico 02 abaixo demonstra que do total de respondentes (n = 1.456), 88,7% alegaram ter medo do novo Coronavírus. Ainda, se desagregados por região, os dados informam que, embora haja medo alto em todas as regiões, é na região Norte que há maior proporção de profissionais com medo (92,3%), seguida da Nordeste (90,6%), Sudeste (87,2%), Sul (85%) e Centro-Oeste (82,2%). Isso pode ser explicado pela gravidade da pandemia na região norte e pelas diferenças de estruturação dos serviços de saúde entre as regiões do país. Vale mencionar também que, dentre todos os respondentes, mais da metade (55,1%) declarou que conhece algum(a) companheiro(a) que está infectado com Covid-19 ou com suspeita.

⁵ Para divulgação, o link de acesso ao questionário foi veiculado nas redes sociais e distribuído por redes de whatsapp da Conacs e outros grupos de profissionais da saúde

⁶ Administrativo (1,03%), Assistente social (2,74%), Dentista (1,10%), Educador (0,14%), Farmacêutico (2,75%), Fisioterapeuta (1,79%), Fonoaudiólogo (0,55%), Gestor (0,27%), Nutricionista (0,41%), Pedagogo(a) (0,07%), Psicólogo(a) (3,57%), Terapeuta Ocupacional/Holístico (1,10%), Outros (1,99%).

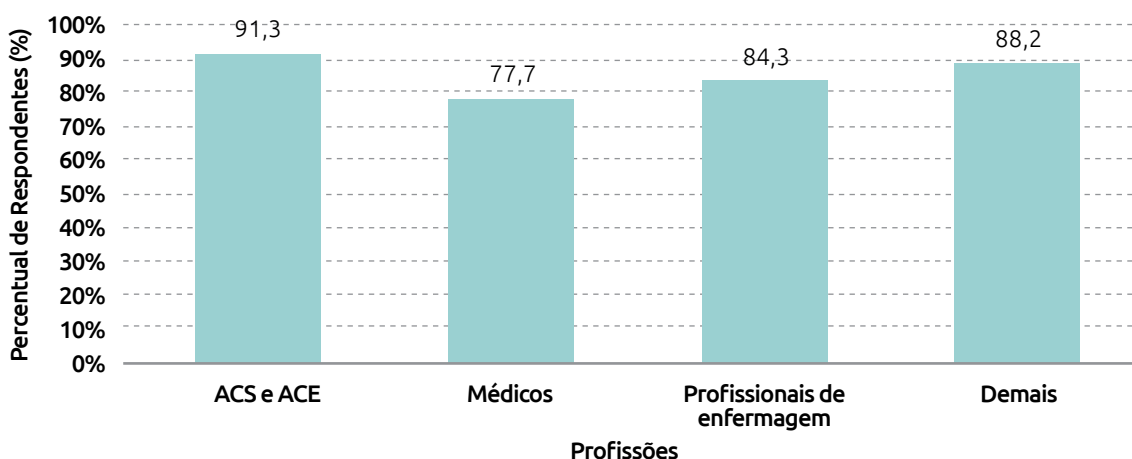
Gráfico 01 - Medo do Coronavírus



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Mas há variação do medo comparando-se profissões. Os agentes comunitários de saúde (ACS) e agentes combate às endemias (ACE) são os que mais sentem medo (91,25%), seguidos pelos profissionais de enfermagem (84,31%) e então médicos (77,68%).

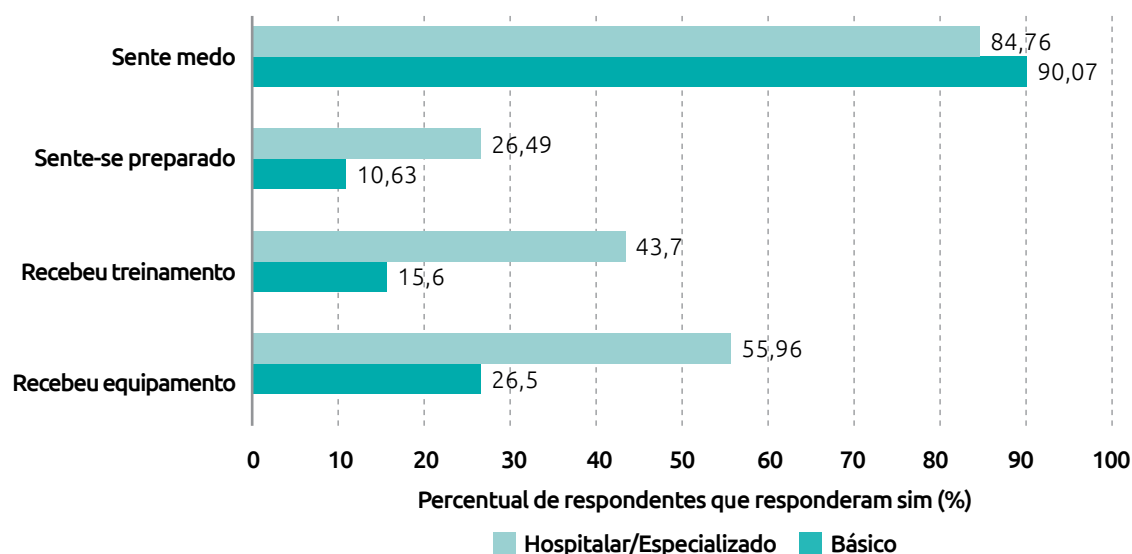
Gráfico 02 - Medo do Coronavírus por Profissões



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Quando analisamos as variáveis, mas agora tendo como critério serviços básicos em relação ao especializado/hospitalar, verifica-se que o percentual que sente medo é próximo, todavia, os serviços especializado e hospitalar possuem mais servidores que se sentem preparados e que receberam equipamento e treinamento.

Gráfico 03 - Percepções sobre medo, equipamento, preparo e treinamento.
Comparativo entre serviços básicos e hospitalar/especializado

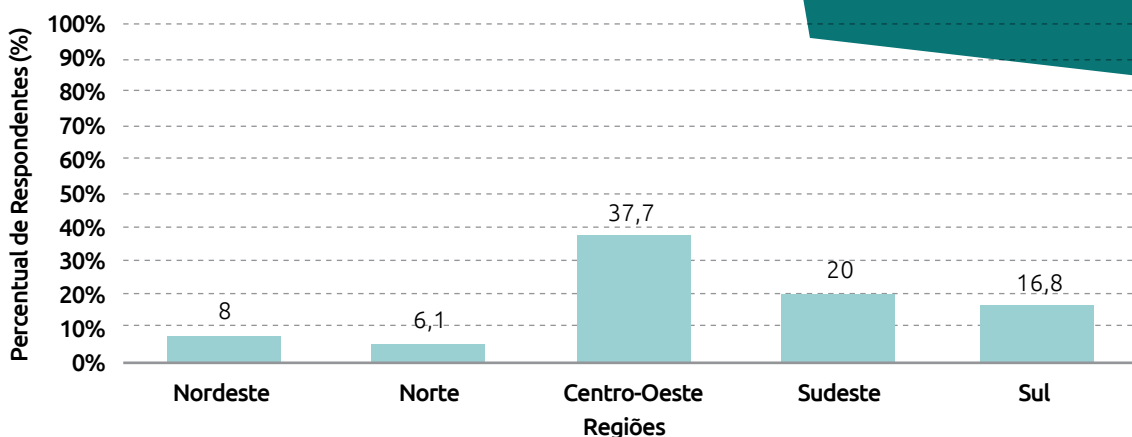


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Quando questionados se sentiam-se preparados para lidar com o Coronavírus, apenas 14,2% dos profissionais responderam que sim e 20,74% ainda não sabem dizer. O Gráfico 04 abaixo demonstra uma diferença significativa nesse resultado por região. Os profissionais que atuam no Norte são os que menos se sentem preparados (6,1%), enquanto os da região Centro-Oeste (37,7%) e Sudeste (20%) são aqueles mais confiantes frente à crise.

“Tenso, estressante, já que não dispomos de proteção efetiva para atender aos pacientes. Muito desgaste psicológico, e muita perseguição.”

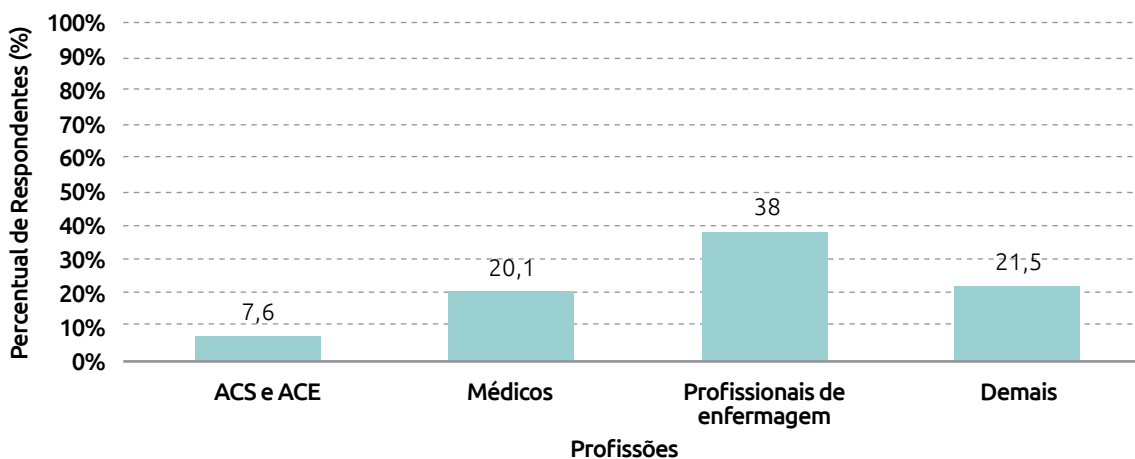
Gráfico 04 – Percepção de preparação para lidar com a crise por Região (%)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Comparando as profissões, é possível verificar que os ACS e ACE são os que menos se sentem preparados para lidar com a crise.

Gráfico 05 - Percepção de preparação para lidar com a crise por Profissão (%)

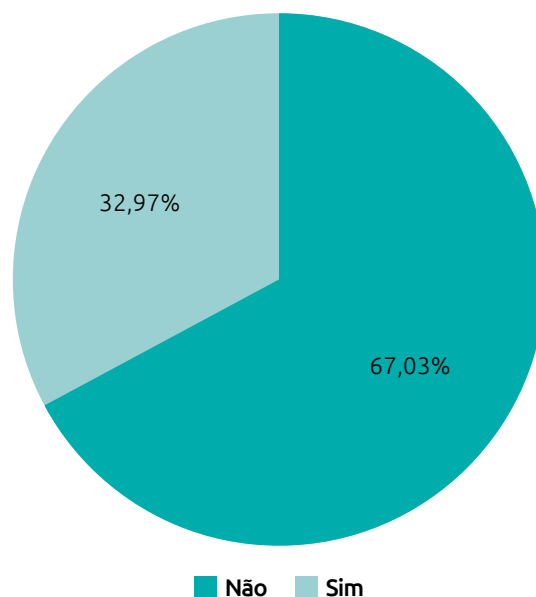


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Outra questão central para entender percepções frente à crise é a disponibilidade de equipamentos de proteção individual (EPI). O uso adequado de EPI de boa qualidade (como máscaras, álcool em gel, luvas etc.) são imprescindíveis para manter os serviços essenciais funcionando de forma segura, sobretudo na área da saúde. Assim, chama atenção o fato de que apenas 32,9% (n = 480) do total de respondentes do questionário acredita que recebeu materiais adequados para trabalhar diariamente com segurança, garantindo a sua e a dos cidadãos.

“Virou rotina, todo domingo a noite tenho crises de ansiedade, insônia, taquicardia, agitação.... Às vezes pico hipertensivo... Vivo sob tensão, choro todos os dias quando volto para casa... Não abraço meu filho.. Tenho medo de contaminar minha família... Tenho medo da morte levar alguém querido...”

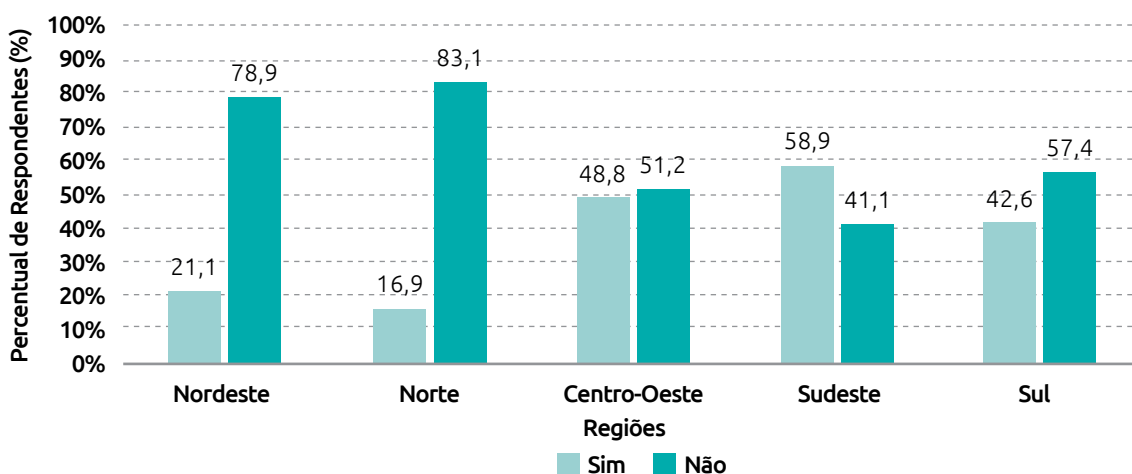
Gráfico 06 – Recebimento de EPI



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

O resultado de recebimento de EPI de qualidade por região é: Sudeste (42,6%); Sul (58,9%); Nordeste (21,1%); Norte (16,9%); Centro Oeste (48,8%). Esse resultado ajuda a explicar o sentimento de despreparo dos profissionais para lidar com a crise nas cinco regiões.

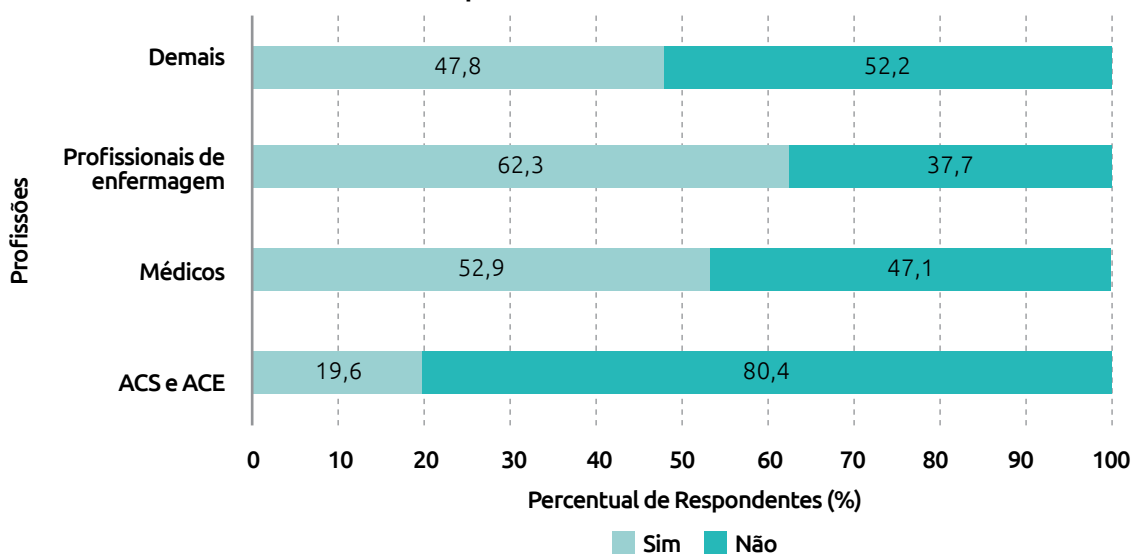
Gráfico 07 – Recebimento de EPI por Região



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Comparando profissões, os médicos são aqueles que dizem ter recebido maior quantidade de material adequado (65,28%) e os ACS e ACE são os que menos receberam (19,65%), enquanto os profissionais de enfermagem (52,94) e as demais profissões (47,80) ficando divididos.

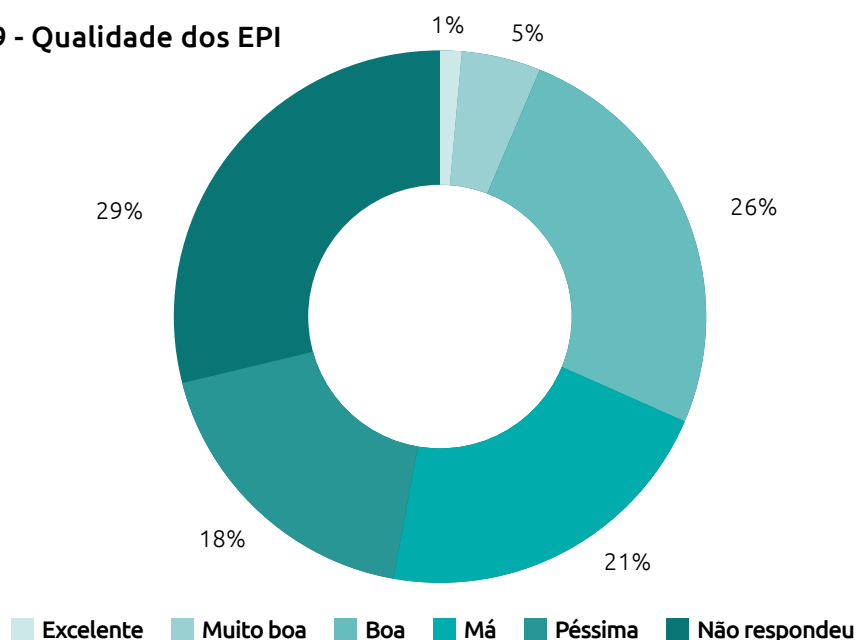
Gráfico 08 – Recebimento de EPI por Profissão



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

O Gráfico 09 demonstra que 31,3% de todos(as) os(as) respondentes acreditam que a qualidade dos equipamentos recebidos é entre Excelente e Boa. Portanto, as respostas negativas (Má e Péssima) somam 39,6% e os que não souberam opinar são 28,9%.

Gráfico 09 - Qualidade dos EPI



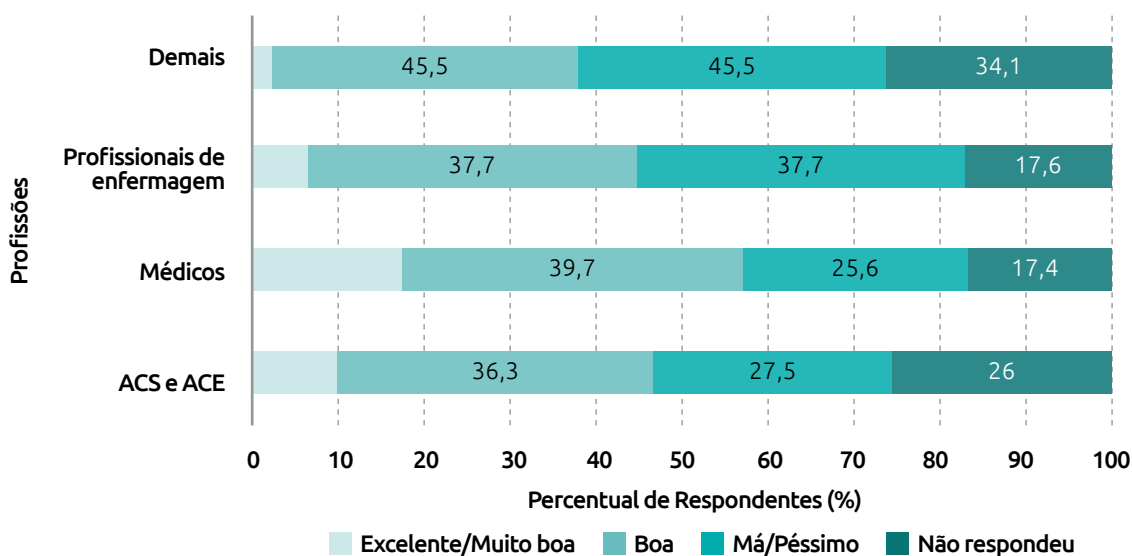
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Mais uma vez, quando observamos como esses dados se manifestam por região, temos que os profissionais que atuam na região Sul (49,9%) são os que mais acreditam na qualidade adequada dos

materiais, seguidos daqueles da região Centro-Oeste (35,5%). Em contrapartida, no Norte apenas 12,3% dos burocratas acreditam nisso.

Dentre os profissionais, os ACS e ACE foram os que pior avaliaram o material recebido, sendo que a melhor percepção foi entre os médicos e depois os profissionais de enfermagem.

Gráfico 10 - Qualidade dos EPI por Profissão

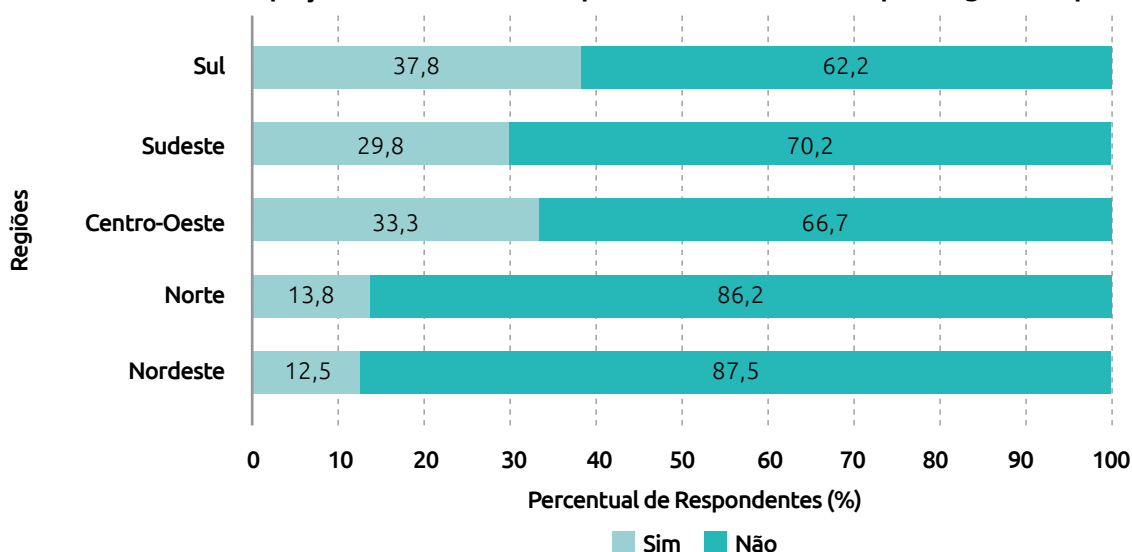


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Outra questão fundamental no enfrentamento à crise diz respeito ao treinamento e formação. Apenas somente 21,9% do total de respondentes afirmou que participou de treinamentos para lidar com o coronavírus ou que receberam diretrizes sobre como atuar. Os resultados por região são: Sudeste (29,8%), Sul (37,8%); Nordeste (12,5%); Norte (13,8%); Centro-Oeste (33,3%).

“O medo tanto do morador é o mesmo meu. Ele não quer ser infectado por mim e eu com medo de ele me infectar. Não temos como exercer com eficiência o trabalho. Nossa atuação está muito superficial, não podemos entrar nas casas, não podemos ter a mesma maneira de trabalhar, estamos sem orientação e sem material.”

Gráfico 11 – Participação de treinamento para lidar com a crise por região do país

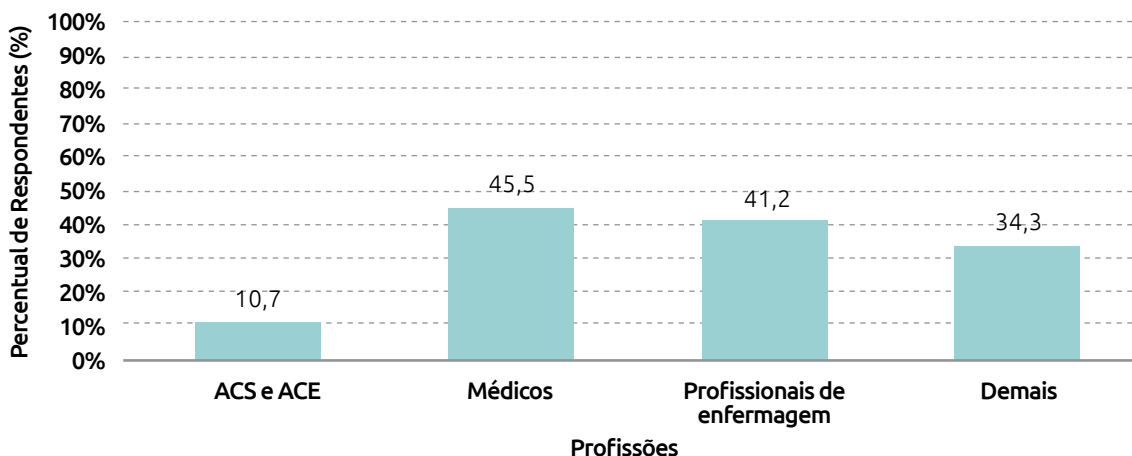


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

O hiato entre as regiões Sul e Nordeste supera 20 pontos percentuais, o que poderia indicar junto aos dados expressos anteriormente uma aparente desigualdade de acesso a recursos pelos(as) profissionais respondentes do questionário nessas localidades.

Enquanto quase metade dos médicos e enfermeiras dizem ter recebido treinamento, apenas 11% dos ACS e ACE afirmam o mesmo.

Gráfico 12 – Participação de treinamento para lidar com a crise por Profissão



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

No que tange às relações hierárquicas, 55,56% afirmou que recebeu orientações de suas chefias sobre como atuar durante a crise mas 71,82% dizem não sentir suporte de seus superiores para enfrentar a crise. A profissão

“É difícil de lidar pois não temos apoio por parte dos governos municipais e estaduais, como EPIs, incentivo para os profissionais trabalharem nessa pandemia. Está causando preocupações e desânimo no âmbito do trabalho.”

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

que sente maior suporte é a dos médicos (55,37%), enquanto a que sente o menor é a dos ACS e ACE (18,06%).

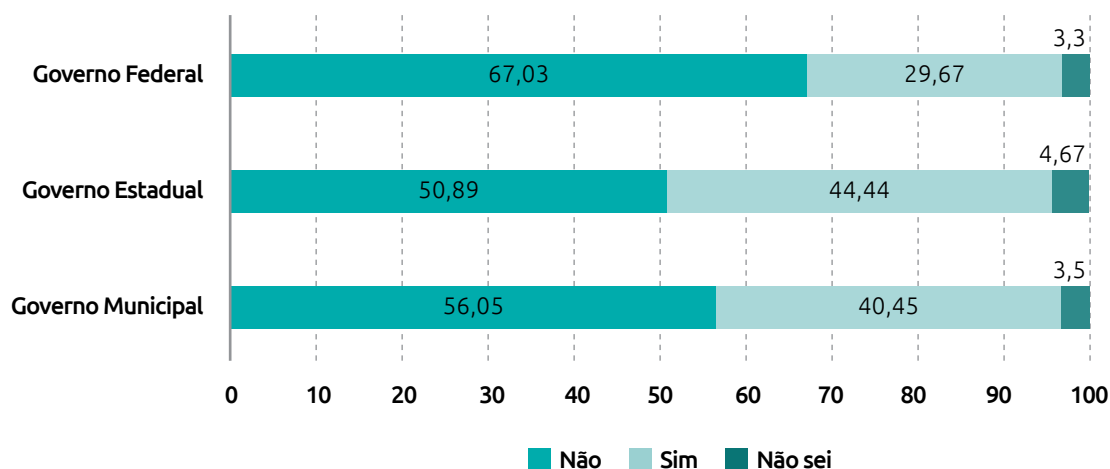
Questionados se a crise afetou sua dinâmica de trabalho, cerca de 75% dos respondentes disseram que sim, com pouca variação entre as regiões. Entre as principais mudanças apontadas, estão: fluxo de trabalho; organização das rotinas e procedimentos; mudança de prioridades de atendimento; alteração de regime de trabalho (horários de atividades, plantões, férias e escalas); introdução de tecnologias de informação no trabalho; introdução de atividades de telemedicina; introdução de novas práticas de trabalho.

Enquanto os profissionais da média e alta complexidade apontam mudanças de trabalho relativas a aumento de demanda e introdução de novos procedimentos de proteção; os profissionais da atenção primária à saúde apontam que as mudanças dizem respeito a alterações na atuação da UBS, mudança de prioridades e introdução de novas práticas de trabalho.

Com relação às mudanças que a crise provocou nas interações com os usuários dos serviços, 88% dos profissionais afirmaram que houve alterações consideráveis, com pouca variação entre as profissões e entre as regiões. Entre as mudanças nas interações, aquela que mais se destaca diz respeito ao distanciamento físico entre profissionais e usuários. Disso decorrem mudanças como a diminuição dos contatos, a redução nos toques físicos, o aumento da velocidade das consultas ou encontros e a adoção de tecnologias alternativas para manter contato.

Perguntamos também aos profissionais em que medida eles sentem que os governos (União, Estado e municípios) estão apoiando suas ações. O gráfico 13 demonstra que, em sua grande maioria, os profissionais não se sentem apoiados, embora haja diferença entre os níveis da federação.

Gráfico 13 - Panorama geral da percepção sobre apoio dos governos na proteção a profissionais de Saúde da pandemia



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Se observarmos por região, os resultados demonstram que os(as) profissionais que atuam na Região Sul são os que mais acreditam na existência de ações feitas pelos governos - com destaque ao Governo Estadual. Essa constatação poderia ser uma das chaves explicativas para as demais informações apresentadas.

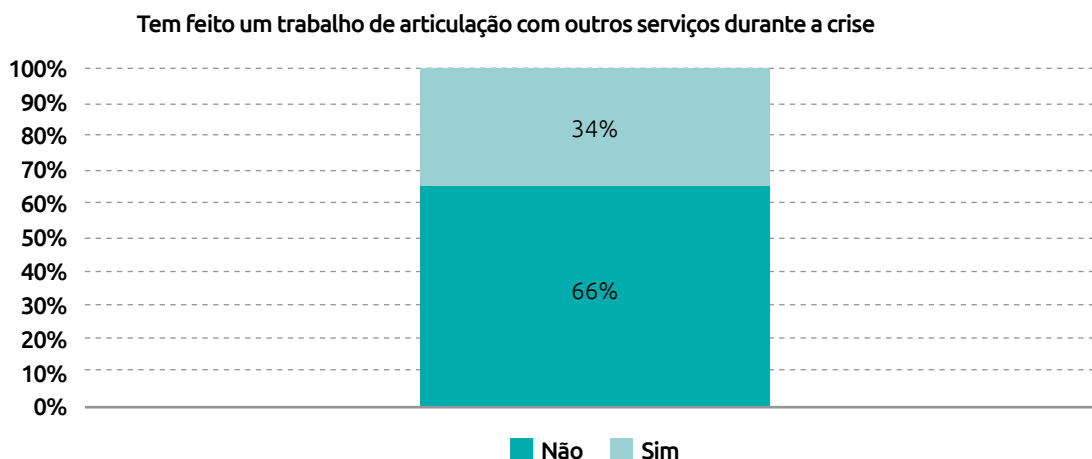
Tabela 01 - Percepção sobre apoio dos governos na proteção a profissionais de Saúde da pandemia por região

	Governo Federal	Governo Estadual	Governo Municipal
Nordeste	28,39%	44,41%	38,97%
Norte	35,38%	46,15%	16,92%
Centro-Oeste	33,33%	53,33%	28,88%
Sudeste	29,03%	43,97%	45,33%
Sul	36,84%	42,10%	42,10%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Também avaliamos em que medida os profissionais estão fazendo articulações com outros serviços públicos para resolverem os problemas que recebem. Este tipo de articulação intersetorial é especialmente importante em momentos de crise, quando as vulnerabilidades se exacerbam. O que o gráfico 14 revela, é que 66% dos profissionais não estão fazendo articulações.

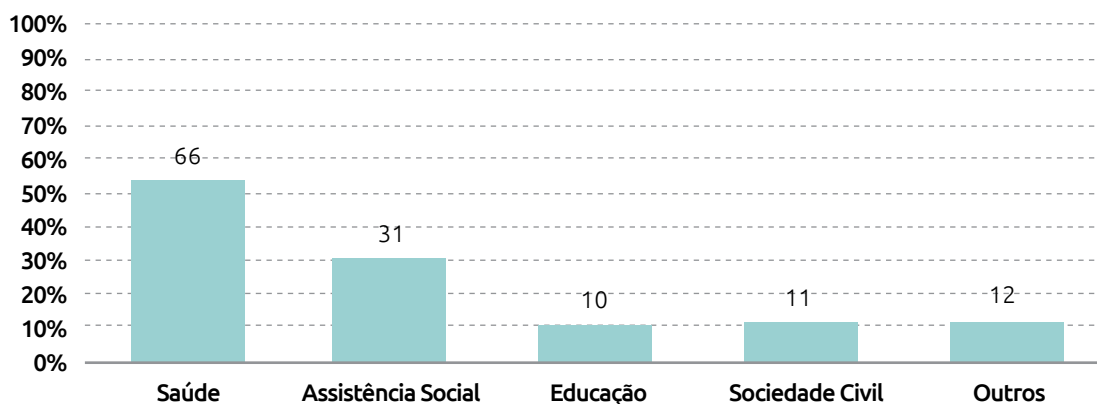
Gráfico 14 - Panorama geral da articulação dos profissionais de saúde com outros serviços durante a crise



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Entre os 34% que relataram ter feito um trabalho de articulação com outros serviços, apenas 45% especificou com quais serviços se articula. A maioria destes (53%) realiza articulações com outros serviços da própria saúde, enquanto 52% menciona articulação com outros setores: 31% com serviços de assistência social, 10% com serviços de educação e 11% com entidades da sociedade civil.

Gráfico 15 – Setores com os quais profissionais da saúde realizaram articulação



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Nem todos os trabalhos de articulação ocorrem da mesma maneira ou com o mesmo objetivo. Mas há uma predominância de ações de orientação ou atendimento (34%); troca de informações ou encaminhamentos, e atividades para promoção de vacinação.

RECOMENDAÇÕES

As análises acima mencionadas suscitam um conjunto de recomendações que deveriam ser atendidas pelos governos federal, estaduais e municipais para melhorar a atuação dos profissionais perante a crise, garantindo a eles recursos, informações e proteção necessárias dada a importância de seu trabalho neste momento. A seguir elencamos algumas delas que, embora não esgotem as possibilidades, ajudam a construir uma agenda de ações:

- Distribuição de EPIs de qualidade para todos os profissionais dos diferentes níveis de atenção.
- Distribuição massiva de testes rápidos tanto para monitoramento da população como, acima de tudo, dos profissionais de saúde.
- Organização oficial e disseminação de informações sobre novos fluxos de trabalho, procedimentos, práticas de proteção, etc. frente à crise.
- Reorganização dos serviços da atenção primária, direcionando-os de forma clara para atuarem durante a pandemia com a devida e necessária proteção.
- Atenção especial aos ACS e ACE, tanto em relação às funções que podem assumir na pandemia, como nos cuidados que devem receber em termos de informações, treinamento e equipamentos. Estes são atualmente os profissionais com maior percepção de vulnerabilidade, segundo os dados da pesquisa.

“Estou tendo que adquirir meu próprio material. Se não fosse eu mesmo ir buscar informações sobre como atuar e estudar sobre o vírus, principalmente em canais internacionais, eu e minha família estaríamos 100% perdidos.”

- Formação e treinamento adequados para que os profissionais estejam mais preparados para enfrentar a crise, utilizando tecnologias simples, como vídeos com transmissão online, infográficos ou outros materiais de comunicação simples e assertiva que chegue na ponta rapidamente.
- Construção de rede de comunicação entre a secretaria de saúde e profissionais (como rede de whatsapp) para tirar dúvidas, fazer comunicação rápida e repassar informações oficiais.
- Distribuição de material informativo oficial para profissionais repassarem para população e combater as fake news.
- Realização de campanhas de valorização das profissionais da saúde para sensibilizar a população sobre sua importância e demonstrar o suporte que possuem por parte dos governos.
- Viabilizar e incentivar a articulação intersetorial pelos profissionais da linha de frente, por meio de fluxos de encaminhamentos definidos e repasse de informações sobre os serviços de emergência.
- Construção de políticas de suporte emocional e psicológico para os profissionais da ponta – por exemplo disponibilizando os psicólogos da saúde para fazerem acompanhamento destes profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIPSKY, Michael. Burocracia em nível de rua: dilemas do indivíduo nos serviços públicos. 2019 [1980]. Enap.

STATISTICS CANADA; STATISTICS CANADA. SOCIAL SURVEY METHODS DIVISION. Survey methods and practices. Statistics Canada, 2003.

NOTA TÉCNICA

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

REALIZAÇÃO

Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



DIAGRAMAÇÃO